



**EIXO TEMÁTICO:**

- |   |   |  |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input checked="" type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade      | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias   |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |   |  |

## **Modernidade Incompleta ou a Bricolagem entre o Tradicional, o Arcaico, e o Moderno**

*Modernity Incomplete or Bricolage between the traditional, the archaic and the modern*

*La modernidad incompleta o Bricolage entre lo tradicional, lo arcaico y lo moderno*

RUBANO, Lizete Maria (1);

(1) Professor Doutor, FAU UPM Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade Presbiteriana Mackenzie – Brasil, [lmrubano@superig.com.br](mailto:lmrubano@superig.com.br)



## **Modernidade Incompleta ou a Bricolagem entre o Tradicional, o Arcaico, e o Moderno<sup>1</sup>**

*Modernity Incomplete or Bricolage between the traditional, the archaic and the modern*

*La modernidad incompleta o Bricolage entre lo tradicional, lo arcaico y lo moderno*

### **RESUMO**

A abordagem do texto "Modernidade Incompleta ou a Bricolagem entre o Tradicional, o Arcaico e o Moderno" diz respeito, primeiramente, a interpretações acerca da sociedade, cultura e projeto no Brasil a partir das possibilidades da crítica sobre o mundo contemporâneo e suas expressões na realidade brasileira. As abordagens a partir da "formação" aparecem como recurso indispensável para localizar as singularidades da modernidade no Brasil e de suas influências nos desafios e opacidades que até hoje se interpõem à realização de um projeto coletivo de emancipação social. Também quer esclarecer e identificar o fato de que a modernidade, ao ser transposta para a realidade latino-americana (inclusive brasileira) se desdobra em opostos, em dualidades, entre elas, tradicional x moderno, contendo a percepção positivista de um contínuo histórico linear e, por outro lado, iniciativas que escapam a esta linearidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** tradicional, arcaico, modernidade incompleta

### **ABSTRACT**

*The approach of the text "Modernity Incomplete or Bricolage between the traditional, the archaic and the modern" relates, first, to the interpretations of society, culture and design in Brazil that become from the possibilities of criticism about the contemporary world and its expressions in Brazilian reality as indispensable resource to locate the singularities of its modernity and its influences on the challenges and opacities that obstaculize a collective project of social emancipation. It also wants to clarify and identify the fact that modernity, when transposed into the reality of Latin America (including Brazil) unfolds in opposites, in dualities, among them the traditional x modern, supporting the perception of a still positivist linear history and, on the other hand, initiatives that escape this linearity.*

**KEY-WORDS:** traditional, archaic, modernity incomplete

### **RESUMEN:**

*El enfoque del texto "La modernidad incompleta o Bricolage entre lo tradicional, lo arcaico y lo moderno" se relaciona, en primer lugar, con las interpretaciones de la sociedad, cultura y proyecto en Brasil a partir de las posibilidades de la crítica sobre el mundo contemporáneo y sus expresiones en la realidad brasileña como recurso imprescindible para localizar las singularidades de la modernidad en Brasil y sus influencias sobre los desafíos y opacidades que se interponen a la realización de un proyecto colectivo de emancipación social. También quiere esclarecer e identificar el hecho de que la modernidad para ser transpuesta en realidad en América Latina (incluyendo Brasil) se despliega en contrarios y dualidades, entre ellos tradicional x moderno, que contiene la percepción de una historia lineal aún positivista y, por otro lado, las iniciativas que se escapan a esta linealidad.*

**PALABRAS-CLAVE:** tradicional, arcaica, modernidad incompleta

---

<sup>1</sup> Este texto é fruto da pesquisa "CULTURA E SOCIEDADE | O projeto: significado e valor", financiado pelo MackPesquisa de Fevereiro de 2012 a Janeiro de 2013. Teve a colaboração, para o artigo deste evento, da professora Dra. Volia Regina Costa Kato.



## 1. INTRODUÇÃO

A abordagem do texto "Modernidade Incompleta ou a Bricolagem entre o Tradicional, o Arcaico e o Moderno" diz respeito, primeiramente, a interpretações acerca da sociedade, cultura e projeto no Brasil a partir das possibilidades da crítica sobre o mundo contemporâneo e suas expressões na realidade brasileira. As abordagens a partir da "formação" aparecem como recurso indispensável para localizar as singularidades da modernidade no Brasil e de suas influências nos desafios e opacidades que até hoje se interpõem à realização de um projeto coletivo de emancipação social. Também quer esclarecer e identificar o fato de que a modernidade, ao ser transposta para a realidade latino-americana (inclusive a brasileira) se desdobra em opostos, em dualidades, entre elas, tradicional x moderno, contendo a percepção positivista de um contínuo histórico linear e, por outro lado, iniciativas que escapam a esta linearidade.

As possibilidades de se visualizar rumos na transformação histórica brasileira contemporânea e a esperança de possíveis projetos emancipadores em torno do qual poderíamos situar a arquitetura e os projetos urbanos, dependem da compreensão objetiva dos traços fundantes da sociedade e da cultura no Brasil. Estes ainda permanecem arraigados no comportamento do homem comum, dos personagens públicos, das autoridades, dos partidos políticos etc., compreensão esta que exprimiria o esforço de manutenção da capacidade crítica em relação ao presente.

## 2. O MODERNO ANÔMALO E INCONCLUSO

Eventos do cotidiano e traços dos comportamentos individuais e coletivos no Brasil, envolvendo o homem comum e, ou, personalidades públicas, revelam, segundo José de Souza Martins, 2000, o fato de que a modernidade aqui se deu de forma incompleta reunindo elementos de tempos históricos desencontrados. Ou seja, o arcaico ou o pré-moderno (enquanto valores que orientam a ação dos indivíduos e suas relações) se insere de forma fundante, na modernidade brasileira, como um projeto anômalo e inacabado.

A discussão tem como ponto de partida o posicionamento de que a modernidade é um tema europeu, das sociedades ricas, e se encontra comprometido com a noção de progresso. Ao ser transposto para a realidade latino-americana (inclusive a brasileira) se desdobra em opostos, em dualidades, entre elas, tradicional x moderno, contendo a percepção positivista de um contínuo histórico linear de transformação das sociedades em direção à complexidade econômica e cultural. Como muitos outros autores, alerta para o fato de que o subdesenvolvimento dependente é um elemento constituinte do moderno e não uma fase que o antecede e, nesse sentido, os estudos sobre a modernidade no Brasil devem passar necessariamente pelo reconhecimento de sua anomalia, sua inconclusividade. O tradicional, o arcaico, convive num processo de bricolagem com o moderno, como expressão de uma presença simultânea de tempos históricos diferentes. Ou seja, inúmeras relações econômicas e sociais tradicionais se inserem no processo de transformação industrial capitalista da sociedade brasileira e evidenciam, ainda que de forma subordinada, sua permanência.

Conceitualmente, a modernidade só se apresenta em completude quando contém ao mesmo tempo a consciência crítica do moderno – como moderno situado, alvo de consciência e balizamento. Assim, a modernidade “não se confunde com objetos e signos do moderno, porque a ele não se restringe, nem se separa da racionalidade que criou a ética da multiplicação do capital; que introduziu na vida social e na moralidade” a instrumentalidade e o cálculo racional das ações dos indivíduos no cotidiano (MARTINS, 2000, p. 18). Contém a ética que transforma o homem em objeto, inclusive objeto de si mesmo. Com base nas análises de Weber extraídas de Ciência e Política, duas vocações – a modernidade, além dos signos que atravessam os modos de vida, “é a realidade social e cultural produzida pela consciência da transitoriedade do novo e do atual”. (MARTINS, 2000, p. 19)<sup>2</sup>

Ao contrário do que sugerem os processos de globalização contemporânea onde a realidade social é vista como encontro homogeneizante da diversidade do homem – a modernidade é formada por ritmos desiguais de desenvolvimento econômico e social, “pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada, dos que têm fome e sede não só do que é essencial à reprodução humana, mas também fome de justiça, de trabalho, de sonho, de alegria”. (MARTINS, 2000, p. 20) A modernidade, ao mesmo tempo em que anuncia enormes possibilidades de transformação humana e social no mundo capitalista, esconde da coletividade dos indivíduos, os mecanismos de sua realização e, assim, se torna “uma espécie de mistificação desmistificadora”. (Idem) Ou ainda, “a modernidade é, num certo sentido, o reino do cinismo: é constitutivo dela a denúncia das desigualdades e dos desencontros que a caracterizam. Por isso, não pode deixar de conter (e manipular) reconhecíveis evidências dos problemas e das contradições de que ela é a expressão”. (MARTINS, 2000, p. 21)

Diante da questão: “Como o provisório permanente se dá nas diferentes sociedades?”, o caso brasileiro aponta para o fato de que a modernidade não se completou, produziu um diverso segmentado e uma travessia permeada pelo mágico e pelo místico.

A modernidade vem a nós como objeto, como signo, como expressão do ver e não do viver e do acontecer. (MARTINS, 2000, p. 27) Num descompasso histórico, a vivência do moderno se faz pelo apelo ao não moderno, ao rústico, ao sertão, onde estariam as raízes de nossa “autenticidade”. A modernidade aqui aparece sem laços fundos:- como afirma o autor, as nossas desigualdades sociais são também o nosso descompasso histórico.

### 3. CENTRO E PERIFERIA

Em Roberto Schwarz, 2009, a escravidão e a prática geral do favor são os dois temas que aparecem como os mais antagônicos frente ao processo de universalização dos princípios e direitos dado pela modernidade.

Para o autor, uma sociedade que se apresenta como liberal, mas que encobre as reais condições de subordinação pelo trabalho e pelas relações de dependência pessoal, que são o que – de fato – estruturaram a sociedade brasileira, constrói uma “identidade”, uma relação com o mundo, produz cultura e conforma projetos de tal maneira que, ainda que se encoberte essa condição estrutural, é ela que acaba por caracterizar a construção histórica da nação.

A ideia da “democracia desigual” a partir de nossa “tradição paternalista-populista” (KEHL, 2011, p. 338, *apud* VILLAC, 2013), coloca a perspectiva da vitimização social, mais que da reação às condições dadas estruturalmente por essa desigualdade.

---

<sup>2</sup> Considera necessária a distinção entre constatar e definir filosoficamente a modernidade e explicá-la sociologicamente. A modernidade surge na consciência social no século XVIII e só no século XIX é explicada.

Vale destacar uma condição que vai caracterizar a trajetória da nossa sociedade, do Estado e do projeto de nação que, de alguma forma se delinea em diferentes momentos: o governo militar não era exatamente “atrasado”, do ponto de vista das formas de produção. Era antidemocrático e antipopular, mas moderno no sentido da concentração e racionalização do capital e nas alianças econômicas e militares com os Estados Unidos (Schwarz, 2009). Ou seja, reiteradas vezes, construímos uma condição material e de expressão social em que momentos, aparentemente incompatíveis historicamente, se associam numa combinação que caracterizará um denominado “atraso” mas que, se observado mais ampla e profundamente, expressa uma lógica da forma como se estrutura o capital naquela dualidade que era reconhecida, inicialmente, como centro e periferia.

“Assim (*pós 64*), a integração imperialista, que em seguida modernizou para seus propósitos a economia do país, revive e tonifica a parte do arcaísmo ideológico e político de que necessita para a sua estabilidade”. (SCHWARZ, 2009, p. 28) “A modernização, de libertadora e nacional, passa a forma de submissão”. (SCHWARZ, 2009, p. 28) Esse caráter da modernização brasileira é de fundamental importância para situarmos como se construirão sociedade, cultura e projeto no Brasil.

#### 4. CULTURA E PROJETO

O convívio de tempos diferentes e o afastamento entre a aparência e o sentido, os significados (ou entre a forma e a sua correspondência social) caracterizaram intensamente, talvez mais do que a todas as outras manifestações artísticas, a arquitetura e o urbanismo.

De toda forma, o que se buscou, ao longo de anos, quando fazia sentido a ideia de nação e, portanto, de “identidade”, foi uma certa “cultura genuína”, que nos caracterizasse. Ou, ainda, dado o processo histórico brasileiro que Schwarz muito bem caracteriza, de formação da nossa sociedade em que a “inadequação de ideias” (liberalismo e as formas que assume) encobre uma realidade arcaica e materialmente muito diversa da essência desse mesmo liberalismo (trabalho escravo e lógica do favor), a procura por aquilo que pudesse nos caracterizar de maneira autêntica passa, conforme o autor, pela “eliminação do que não é nativo. O resíduo, nesta operação de subtrair, seria a substância autêntica do país” (SCHWARZ, 2009, p.114).

Não é por acaso que Otilia Arantes, 1997, em texto clássico acerca do “sentido da formação”, aponta Lúcio Costa como o grande teórico da modernidade no Brasil, porque ele a legitima como formulação “nossa”, que podia ser vista como autêntica expressão cultural brasileira: “a tarefa de implantar, num meio alternadamente desinteressado ou hostil, a nova maneira de conceber, projetar e construir, começou a tomar pé quando se estabeleceu um vínculo direto com as fontes originais do movimento mundial” (Le Corbusier, 1936); quando “pensar em arquitetura passou a ser também uma maneira de refletir sobre os caminhos da formação nacional, ainda por completar” - revolução de 30 e Estado (ARANTES, 1997, p.124) e quando Lúcio Costa arrematou associando e identificando uma “unidade de caráter de nossa arquitetura antiga e colonial com a lição dos modernos (o saber do ofício e a “verdade” construtiva), lançando mão de uma “visão retrospectiva ordenadora de um passado até então constrangedor” (ARANTES, 1997, p.130).

Essa “condição moderna” que Lúcio legitima respalda a “nova arquitetura no Brasil. Vai-se da arquitetura que se pretendia reduzida ao mínimo, àquela cheia de dengue e graça, da qual a Pampulha é o melhor exemplo...” (ARANTES, 1997, p.118).

Ainda que “em nossos dias (o texto de Schwarz é de 1977), nesta atmosfera ‘global’, de mitologia unificada e planetária, o combate por uma cultura ‘genuína’ faz papel de velharia, fica patente o seu caráter ilusório, além de provinciano e complementar de formas arcaicas de opressão. (...). Os modernistas da mídia, mesmo tendo razão em suas críticas, fazem supor um mundo universalista que, este sim, não existe. (SCHWARZ, 2009, p. 116-117).

Ou seja, de alguma maneira seguimos buscando compreender o que, de fato, nos caracteriza e dá legitimidade aos nossos processos culturais (e o quanto eles expressam relações sociais reais) quando balizamos a análise pela dualidade cópia-original (“a cópia -a colônia- seria secundária em relação ao original -a Europa, por exemplo). “Esta perspectiva coloca um sinal de menos diante do conjunto dos esforços culturais do continente e está na base do mal-estar intelectual que é nosso assunto” (SCHWARZ, 2009, p.118) . Diferente seria se se recorresse “à filosofia europeia atual – de Deleuze a Derrida: seria mais exato e neutro imaginar uma sequência infinita de transformações, sem começo nem fim, sem primeiro ou segundo, pior ou melhor” (SCHWARZ, 2009, p.118).

Schwarz, entretanto, destaca que qualquer que seja a abordagem dessa relação cópia-original, “a quebra do deslumbramento cultural do subdesenvolvimento não afeta o fundamento da situação, que é prático”. (SCHWARZ, 2009, p.119)

Dessa maneira, utilizando-se de um trecho preciso dos ensaios de Schwarz, “a cópia resultaria (e não teria por consequência) de formas de desigualdade brutais a ponto de faltarem mínimos de reciprocidade (povo e elite), sem os quais a sociedade moderna de fato só podia parecer artificiosa e importada”. (SCHWARZ, 2009, p.133).

Roberto Schwarz, 2009 (*apud* RUBANO, 2013) explicita tentativas de se constituir uma certa “cultura genuína”, buscando-se uma identidade quando ainda fazia sentido a perspectiva de nação e o quanto essa tarefa se mostrou complexa dada a relação entre uma inadequação de ideias (liberalismo) e nossa vida material.

Roberto Schwarz também compõe o debate de autores que apontará o papel estrutural do atraso, destacando o quanto os países colonizados foram incorporados ao mercado mundial e quanto o chamado “atraso social” foi útil à constituição dessa lógica, que extrapola as esferas locais. Por isso reproduz-se, ao invés de ser um empecilho ao mundo moderno.

Se essa é uma condição posta ao mundo ocidental do capitalismo central, o que dizer de uma realidade em que a arquitetura como produção cultural se fez como representação e forma esvaziada de sentido?

O esvaziamento da condição moderna reduzida à forma e a submissão da arquitetura às lógicas competitivas contemporâneas postas às cidades, ainda que se observe um salto histórico dado pela distância entre esses dois momentos, têm condenado a arquitetura brasileira a um afastamento da condição social que poderia expressar.

Por conta disso, a inexistência de uma crítica coloca uma perspectiva de esvaziamento da própria arquitetura, de seu lugar na cultura, ou de sua ineficiência no enfrentamento das hegemonias que se conformam no mundo urbano, com a espetacularização, o simulacro e a cidade “hospedeira” da lógica global (FIX, 2007). Uma perspectiva frágil da arquitetura como possibilidade de construção “inventiva” de hipóteses que, de alguma maneira, materializassem dissidências, perspectivas outras que atribuíssem sentido histórico, social, político à expressão estética.

As contradições podem ser reveladoras da histórica defasagem nossa entre ideário e vida material, mas também podem representar expressões de outra matriz, identitária, coletiva, solidária, expressiva e desejante.

Com essa possibilidade posta, parece fundamental que sejam consideradas as condições presentes no processo social que sugerem interpretações também de ordem estrutural, mas que são de âmbito diverso - nos parece -, para além do que resulta da dicotomia tradição-moderno ou do crescimento desigual.

Trata-se, aqui, da tentativa de identificar, ainda que num país de modernidade inconclusa, de rápido processo de urbanização, sem densidade histórica; onde “a virtude é privada e o vício público” (JANINE, 2000, *apud* TELLES, 2013), o que se torna legível e, por isso se legitima, da



dimensão da vida pública e dos lugares a ela associada.

Sendo o lócus urbano um dos mais adequados palcos a essa existência, falta-nos, de maneira perceptível, o benefício público que ampare - inclusive - possibilidades outras de experiência e, talvez, possibilidades outras à própria disciplina.

Trata-se de buscar, na experiência cotidiana, do espaço banal e horizontal (SANTOS, 1994), expressões que apontem alternativas de reconhecimento do que proporciona cidadania na experiência urbana, ainda que fragilizada no que tem de construção histórica. Esse reconhecimento pode sugerir possibilidades outras à dimensão do projeto, na tentativa de reconectá-lo com práticas e lógicas sociais.

Como enfatiza José de Souza Martins, 2000, as transformações contemporâneas das sociedades capitalistas desarticularam o embate entre projetos revolucionários e reformistas e parece restar o “caminho da revolução na vida cotidiana” no sentido da busca de alternativas e de inovação política para a superação das carências históricas.

Para ele, os desafios assumem duas dimensões articuladas: no plano do conhecimento científico, que é indissociável de uma prática de esquerda, num retorno à ética, sem dúvida, mas também num diálogo criativo e sem medo com as inovações logradas pelas ciências sociais. E, no plano da aplicação desse conhecimento, para pesquisa e aproximação à realidade social e, portanto, agir em nome do historicamente possível... (MARTINS, 2011:71)

## **5. ARQUITETURA E CULTURA**

É particularmente notada a condição anti-urbana que caracteriza nossa experiência e que pode ser identificada em nossa arquitetura, desde que se consagra como moderna. Muito dessas mazelas tem uma relação direta com o processo veloz com que se dá a urbanização no Brasil, sem densidade histórica, acontecendo de maneira muitas vezes autofágica, até ilícita e certamente desigual. O papel da arquitetura brasileira, frente a esse “desacerto urbano”, tem sido o de se apresentar como figura de um fundo indesejado, no mínimo, porque pouco estetizado e caótico, do qual vale a pena se “separar”.

Vale dizer que a vida cotidiana pode nos informar como é que os conflitos são vividos e percebidos e quais são as estratégias que os indivíduos adotam para suportar os desejos não realizados e realizar estes desejos apesar de tudo de formas alternativas. Também este plano da vida social pode ser desmistificador de noções consolidadas no imaginário social sobre o que somos e o que queremos. É no plano do vivido que a realidade se mostra.

O que está em pauta é a perspectiva da dimensão pública da experiência humana e o caminho que percorremos – dos teóricos da formação da sociedade brasileira às “atualizações” necessárias – aponta-nos algumas possibilidades de interpretação de nosso tempo, quando se trata da ação no território urbano e da construção do ambiente que traduziria essa ação.

A atualização das questões coloca novos desafios à arquitetura. Neles estão presentes a busca de formas de expressão que acompanhem as transformações da ordem social sendo que, no caso brasileiro, ela se apresenta de maneira própria, a partir da coexistência de tempos históricos aparentemente incompatíveis.

Às novas tarefas da arquitetura e do urbanismo, para além da atualização exigida pelo capital globalizado, se pensadas como ação cultural, cabe reinterpretar os mapas sociais e as marcas no território. E, além disso, reinterpretá-los, na perspectiva de extrair da experiência cotidiana, “subjéctiva” e pública uma desejada revisão teórica e uma prática mais especulativa e ensaística, que possibilite, ainda que de forma efêmera, uma maior densidade na construção de um processo que ofereça resistência e ampare a complexidade.



## REFERÊNCIAS

ARANTES, Otília; ARANTES. Paulo. *Sentido da formação. Três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FIX, Mariana. *São Paulo cidade global*. São Paulo: Boitempo, 2007;

KATO, Volia Regina Costa. Vida cotidiana e os espelhos da sociedade: contribuições analíticas de José de Souza Martins. In: *Cultura e Sociedade: O projeto: significado e valor* - Relatório de Pesquisa – Artigos individuais, São Paulo: MackPesquisa, 2013.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples – Cotidiano e História na modernidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.

RIBEIRO, Renato Janine. *A sociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, primeira edição, quarta reimpressão, 2006. Copyright 2000.

RUBANO, Lizete Maria. Teoria e cultura: constituição e (des)caminhos da sociedade brasileira na obra de Roberto Schwarz. In: *Cultura e Sociedade: O projeto: significado e valor* - Relatório de Pesquisa – Artigos individuais, São Paulo: MackPesquisa, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência/ Para um novo senso comum – a ciência, o direito e a política na transição paradigmática V. 1*. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Milton. *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994;

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política* (escrito em 1977). São Paulo: Paz e Terra, 2009.

TELLES, Luiz Benedito. Brasil: a descontinuidade de um projeto incompleto de sociedade. In: *Cultura e Sociedade: O projeto: significado e valor* - Relatório de Pesquisa – Artigos individuais, São Paulo: MackPesquisa, 2013.

VILLAC, Maria Isabel. Patologias sociais e projeto de sociedade. In: *Cultura e Sociedade: O projeto: significado e valor* - Relatório de Pesquisa – Artigos individuais, São Paulo: MackPesquisa, 2013.